

Boletim Semanal* – 22/2020 – 02 de outubro de 2020

FEIJÃO 1ª SAFRA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

1ª Safra 2020/21 (safra das águas)

A estimativa da área produtiva no atual ciclo é de 148,9 mil hectares, 2% menor que na safra passada. A expectativa do setor é alcançar, ao final, volume em torno de 300,6 mil toneladas, 5% menor que no ano passado, com produtividade de 2.004 kg/ha ou 33 sc/ha.

O deficit hídrico ainda é o termômetro para medir e avaliar o plantio da safra. Até o início da semana, somente 35% da área havia sido semeada. Os números do plantio estão abaixo do observado na safra do ano passado, que eram de 60% no período. A janela de plantio do feijão das águas iniciou em agosto e vai até dezembro. A expectativa dos agricultores era de normalidade climática, isto é, o retorno das chuvas na estação da primavera e verão.

FRUTICULTURA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

Dos 399 municípios paranaenses, em tão somente três deles não se detectou cultivos comerciais de frutas em 2019, indicando que a atividade está atomizada e incorporada no meio rural em todos os rincões do Estado.

Os cinco principais municípios produtores de frutas, em ordem de importância, foram: Paranavaí, Guaratuba, Cerro Azul, Carlópolis e Marialva, que somam 12,3 mil hectares, donde colheu-se 312 mil toneladas, com geração de R\$ 334,9 milhões de Valor Bruto da Produção/VBP.

Juntos responderam por 1/5 do total da atividade, e parcelas de 22% na área, 22,9% na produção e 20,4% no VBP. (FRUTI/PR 2019: 55,7 mil hectares; 1,4 milhão de toneladas e R\$ 1,6 bilhão).

Observa-se a relação destes municípios com o VBP das principais espécies frutícolas exploradas no Estado, quais sejam, pela ordem: Laranja (1ª) - Paranavaí; Banana (4ª) – Guaratuba; Tangerina (5ª) – Cerro Azul; Goiaba (7ª) – Carlópolis; e Uva (2ª) – Marialva; sendo referências nos cultivos.

Com 3,7 mil ha de pomares, produção de 130 mil toneladas e VBP de R\$ 79,4 milhões, Paranavaí, no Noroeste, é o principal produtor de frutas, com a laranja participando em 92,6%, 97,6% e 93,4% destes indicadores. São nove espécies exploradas no município.

Guaratuba, no Litoral, tem na banana o seu negócio no campo, pois nos seus 3,3 mil ha colheu-se 82,6 mil toneladas e gerou-se R\$ 70,2 milhões de Valor Bruto. A musácea abarcou 99,7% da área, 99,8% dos volumes e 99,5% dos rendimentos. Foram quatro as fruteiras levantadas.

A diversificação da fruticultura caracteriza Cerro Azul, no Vale do Ribeira, pois mesmo sendo a Capital da Tangerina, outras dezesseis atividades frutícolas são desenvolvidas no campo. O cítrico responde por 86,6% da área, 87,4% na produção e 80,8% no VBP dos 3,7 mil ha, 56,8 mil toneladas e R\$ 65 milhões movimentados dos pomares.

O Norte Pioneiro tem na goiaba de Carlópolis destaque, onde num universo de vinte fruteiras, a mirtácea dominou a área cultivada com 84,3%, a produção com 91,1% e no VBP 86%. Os R\$ 62,6 milhões de renda bruta dos pomares foram gerados pelas 29,9 mil toneladas colhidas em 1 mil hectares.

Boletim Semanal* – 22/2020 – 02 de outubro de 2020

A uva fina de mesa de Marialva, no Norte do Estado, lidera a fruticultura no município, que tem também outras quatorze espécies produzidas. Com 548 ha de parreirais e pomares, um volume de 12,7 mil toneladas e VBP de R\$ 57,6 milhões, a uva fina abarca 84,6% área, 91,3% da produção e 95,8% do VBP.

À goiaba de Carlópolis e a uva fina de mesa de Marialva, tendo em vista a excelência de seus cultivos, foram concedidos o selo de Indicação Geográfica - Indicação de Procedência, pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial/INPI. Por serem produtos de alta qualidade e tradição, conquistaram este reconhecimento num esforço coletivo do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Paraná - Sebrae/PR, institutos de pesquisa e assistência técnica oficial e privada, além do produtor rural fruticultor.

seja, 9% a menos do potencial em condições normais. Assim mesmo, essa produção ainda será 55% superior à obtida na última safra de 2019, que alcançou apenas 2.140,9 mil toneladas.

Na questão dos preços, os níveis alcançados são os maiores dos últimos tempos e esse comportamento, segundo os analistas do mercado, é fruto de uma demanda ativa alta dos grandes importadores como Egito, Turquia e Japão. Também impera a incerteza da safra na Argentina, nosso principal fornecedor de trigo, pois as geadas e a seca afetaram as lavouras em diferentes estágios, principalmente na Região de Córdoba.

Na última semana o produtor do Paraná recebeu, em média, R\$ 63,46/sc de 60 kg, 1,58% de aumento em relação à semana anterior e cerca de 37% comparativamente a setembro de 2019, quando o trigo foi comercializado a R\$ 46,24/sc de 60 kg

TRIGO

**Economista Methodio Groxko*

Segundo o último levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento - Conab, a produção brasileira de trigo em 2020 está estimada em 6.814,2 mil toneladas. Caso este resultado se confirme, o volume total será 32% superior à safra do ano passado que alcançou 5.154,7 mil toneladas do produto.

Sua concentração está basicamente na Região Sul do Brasil, onde o Paraná representa 48% e o Rio Grande do Sul, 40% do volume estimado para esta safra. A estimativa inicial para o Paraná era de 3.664,7 mil toneladas, porém as adversidades climáticas, como a seca e a geada no final de agosto, reduziram a previsão para 3.322,4 mil toneladas, ou

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

A safra de milho, do ponto de vista comercial, está excepcional para o produtor. O preço recebido pela saca de 60 kg atingiu novo recorde na semana passada. A saca fechou a semana valendo R\$ 50,97, uma alta de 3,43% quando comparado à semana anterior. Já nesta semana os preços devem superar R\$ 51,00 a saca no fechamento do relatório.

Nesta semana a colheita da segunda safra de milho 19/2020 chegou a 99% e podemos considerar que há um encerramento dos trabalhos de campo. A safra deve render entre 11,6 e 11,8 milhões de toneladas, o que pode ser classificado como boa levando-se em conta todo o impacto climático sofrido.

Boletim Semanal* – 22/2020 – 02 de outubro de 2020

A área plantada foi de 2,3 milhões, ou 2% maior que a safra anterior.

Já o plantio da primeira safra de milho 2020/21 caminha lentamente, justamente pela falta de chuvas regulares no Paraná. O plantio chegou a 40% da área estimada em 360 mil hectares. As condições de lavoura apresentam piora pelo calor forte e falta de chuvas, porém 84% da área já plantada estão em boas condições.

No âmbito nacional, a safra de milho vai confirmando uma produção superior a 102 milhões de toneladas, com mais da metade (55%) produzida no Centro Oeste. A região Sul é a segunda maior produtora com 21% do total. O Estado do Mato Grosso é o maior produtor de milho no Brasil com 35 milhões de toneladas ou 34% do total nacional. O Paraná, por sua vez, é o segundo maior produtor com 15 milhões de toneladas (15%).

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

As últimas informações divulgadas pelo Departamento de Economia Rural apontam que o plantio da safra 2020/21 de soja continua em ritmo lento no Paraná. Até o início desta semana tinham sido semeados aproximadamente 154 mil dos mais de 5,54 milhões de hectares previstos para este ciclo. No mesmo período do ano passado a área semeada era de cerca de 175 mil hectares. Na média das últimas três safras, o total semeado no período era de pouco mais de 620 mil hectares.

Mesmo com as chuvas do último fim de semana, que aliviaram a situação em algumas regiões produtoras, de uma forma geral, o quadro

ainda é preocupante e demanda cautela por parte dos produtores. Além da preocupação com a implantação e com a condução da safra propriamente dita, a diminuição da janela de plantio do milho 2ª safra, que ocorre na sequência da colheita da soja, também vai tirando o sono dos produtores.

As cotações continuam em alta. Esta semana os produtores paranaenses receberam em média R\$ 130,93 pela saca de 60 kg, esse valor reflete aumento de 3,2% em comparação com a semana passada e 74,1% quando comparado com o mesmo período de 2019.

OLERICULTURA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

A olericultura paranaense é forte e diversificada em número de espécies. Por meio do Valor Bruto de Produção (VBP), o Departamento de Economia Rural (Deral) efetua levantamento dos dados da área (ha), produção (t) e valor (R\$) das 50 (cinquenta) principais hortaliças cultivadas no Estado do Paraná. Comercialmente, os principais polos produtores são os Núcleos Regionais de Curitiba, Guarapuava, Ponta Grossa, Irati, União da Vitória, Londrina e Apucarana.

Primavera e verão são as estações de maior abundância na oferta das hortaliças. Nos estabelecimentos do varejo e atacado como feiras públicas, mercados, supermercados e unidades da Ceasa, o consumidor tem acesso aos produtos cultivados na época como batata, mandioca, repolho, tomate, alface, cenoura, beterraba, batata doce, couve-flor, abóbora, chuchu, brócolis, berinjela,

Boletim Semanal* – 22/2020 – 02 de outubro de 2020

salsa, cheiro verde, cogumelos, salsão, alho-poró, coentro, entre outros.

O momento é de apreensão dos agricultores devido à estiagem: a expectativa é do retorno das chuvas para alimentar as fontes, açudes, represas, minas de água e o aumento da umidade do solo para que os produtores rurais possam dar sequência aos plantios, manejo das lavouras e irrigação. Esta é a expectativa do setor e da sociedade

PECUÁRIA DE CORTE

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Comportamento dos preços da arroba bovina e cortes no mercado varejista paranaense

Assim como em outros locais do Brasil, as cotações da arroba no Estado do Paraná continuam firmes. Segundo levantamento do Departamento de Economia Rural (Deral), os preços médios estaduais recebidos pelos produtores se elevaram em 57%, comparando-se setembro de 2019 à semana de 21 a 25 de setembro de 2020, elevando-se de R\$ 150,53 para R\$ 236,90, respectivamente.

No acumulado de 2020 (janeiro a setembro), a alta da arroba para os produtores foi de 29%, passando de R\$ 184,08 (janeiro) para R\$ 236,90 (setembro).

Mercado Varejista

Seguindo a tendência de alta, os cortes no mercado varejista também apresentaram acréscimo

no acumulado de 2020. De janeiro a setembro, as altas dos cortes bovinos foram as seguintes:

1. Acém s/osso (kg) – 5,4%
2. Alcatra s/osso (kg) – 4,5%
3. Contrafilé c/osso (kg) – 0,0%
4. Costela c/osso (kg) – 15,3%
5. Coxão-mole (kg) – 8,3%
6. Mignon s/osso (kg) – 2,4%
7. Moída 1ª (kg) – 5%
8. Moída 2ª (kg) – 17,2%
9. Paleta c/osso (kg) – 16,5%
10. Patinho s/osso (kg) – 7,5%
11. Peito c/osso (kg) – 1,9

Fonte Deral - Janeiro a Setembro de 2020

SUINOCULTURA

**Administrador Edmar W. Gervásio*

A suinocultura brasileira vem apresentando excelentes resultados no mercado internacional neste ano. As exportações em 2020 (janeiro a agosto) totalizaram 669 mil toneladas, um aumento superior a 42% quando comparado ao mesmo período de 2019 e um recorde no volume exportado no período. O maior exportador foi Santa Catarina com 346 mil toneladas, um crescimento de 28% se comparado a 2019 (jan a ago) e representando 52% do total exportado. O Rio Grande do Sul é o segundo maior exportador com 25% do total.

Boletim Semanal* – 22/2020 – 02 de outubro de 2020

O Paraná, neste mercado, detém 14% do volume exportado de carne suína, chegando a enviar ao exterior, entre janeiro e agosto de 2020, 93,5 mil toneladas, com receita financeira de 207 milhões de dólares.

APICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Uma breve história da apicultura brasileira

A apicultura (criação de abelhas da espécie *Apis Mellifera*) teve início no País em 1839, quando o padre Antônio Carneiro trouxe 100 colônias de abelhas da região do Porto, em Portugal, para a Praia Formosa, no Rio de Janeiro. Entre 1845 e 1880, imigrantes europeus, destacadamente alemães e italianos, introduziram outras subespécies de *Apis mellifera* em localidades do Sul e Sudeste do País.

Até a década de 1950, a produtividade da apicultura desenvolvida com as abelhas melíferas de origem europeia era baixa, pois não eram adaptadas às condições climáticas tropicais e eram acometidas de várias doenças, destacando-se a acariose e a nosemose.

Visando aperfeiçoar a apicultura nacional, em 1956, o professor Warwick Estevan Kerr, sob chancela do Ministério da Agricultura, foi até a África em busca de novas abelhas da espécie *Apis Mellifera Scutellata*, trazendo 49 rainhas que foram instaladas no apiário experimental de Rio Claro, no Estado de São Paulo.

Acidentalmente essas abelhas escaparam do apiário experimental em Rio Claro - SP e passaram a se acasalar com as abelhas de raça europeia nos

apiários ou na natureza, formando um híbrido natural chamado de abelha africanizada. A partir daí a apicultura brasileira rumou por outros caminhos.

A natureza defensiva (agressivas ao serem manejadas) das abelhas africanizadas causou, inicialmente, um grande problema no manejo dos apiários, muitos apicultores abandonaram a atividade e a apicultura entrou em declínio.

Somente após o desenvolvimento de técnicas de manejos adequadas ao novo tipo de abelhas, nos anos 70, a apicultura passou a crescer e se expandiu para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

A apicultura brasileira tem sua história distribuída em três etapas ou períodos: - 1º - Implantação da apicultura no país - entre 1839 e 1955; 2º - Africanização dos apiários e das colônias na natureza; e 3º - Recuperação e expansão da apicultura brasileira - em 1967, deu-se a fundação da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA) e, em 1970, ocorreu o 1º Congresso Brasileiro de Apicultura (CBA).

- 30.039 toneladas foi a exportação de mel em 2019

Em 2019, o Brasil exportou 30.039 toneladas de mel, gerando receita cambial de US\$ 68,384 milhões, número maior em volume (+5,31%) e menor em receita cambial (-28,32%), comparativamente a igual período de 2018 (volume: 28.524 toneladas e receita cambial: US\$ 95,407 milhões).

O preço médio nacional do mel atingiu o valor de US\$ 2.276,50/tonelada (US\$ 2,28/Kg, 25,49% a menos que o valor médio de igual período do ano de 2018, que foi de US\$ 3.060,62/tonelada, ou US\$ 3,06/Kg).

Boletim Semanal* – 22/2020 – 02 de outubro de 2020

Os principais estados exportadores (volume) foram: 1º - Santa Catarina (US\$ 19,260 milhões, 8.123 toneladas e US\$ 2,37/kg); 2º - Paraná (US\$ 16,657 milhões, 7.935 toneladas e US\$ 2,10/kg); e 3º - São Paulo (US\$ 10.277 milhões, 4.253 toneladas e US\$ 2,42/kg).

O principal destino para o mel brasileiro (80,48% de todo volume exportado em 2019) foi os Estados Unidos da América (EUA), com volume de 24.176 toneladas, faturamento de US\$ 54,213 milhões e preço médio de US\$ 2,24/kg.

- 31.235 foi exportação de mel em 2020

De janeiro a agosto de 2020, o Brasil exportou 31.235 toneladas de mel in natura, volume 72% maior do que aquele obtido em 2019 (18.159 toneladas), gerando faturamento de US\$ 62,332 milhões, 42,9% a mais que em igual período de 2019 (US\$ 43,648 milhões).

O preço médio nacional do mel atingiu o valor de US\$ 1.995,52/tonelada (US\$ 2,00/Kg), 20% a menos que o valor médio de igual período de 2019 (US\$ 2.403,68/tonelada (US\$ 2,40/Kg)).

Nesse período em análise o Estado do Paraná voltou à posição de segundo maior exportador de mel in natura (US\$ 13,772 milhões, 7.321 toneladas e US\$ 1,53/kg), sendo que em 2019 os números foram: (US\$ 15,865 milhões, 7.496 toneladas e US\$ 2,25/kg)

Já em 1º lugar no ranking da exportação desponta o estado de Santa Catarina (US\$ 15,865 milhões, 7.496 toneladas e US\$ 2,12/kg); 3º - Piauí (US\$ 13,570 milhões, 6.990 toneladas e US\$ 1,94/kg), 4º - São Paulo (US\$ 9,176 milhões, 4.556 toneladas e US\$ 2,01/kg); 5º - Ceará (US\$ 3,352 milhões, 1.613 toneladas e US\$ 2,19/kg), 6º - Rio Grande do Sul (US\$ 2,890 milhões, 1.495

toneladas e US\$ 1,93/kg) e 7º - Minas Gerais (US\$ 2,596 milhões, 1.251 toneladas e US\$ 2,08/kg).

O principal destino para o mel brasileiro continua sendo (76,2% de todo volume exportado em 2020) os Estados Unidos da América - EUA (volume de 23.817 toneladas, faturamento de US\$ 46,062 milhões e preço médio de US\$ 1,93/kg).

Os outros principais destinos do mel brasileiro são (volume, faturamento, preço médio): 2º - Alemanha (3.476 toneladas / US\$ 8,213 milhões / US\$ 2,36/kg), 3º - Austrália (1.368 toneladas / US\$ 2,702 milhões / US\$ 1,98/kg), e 4º - Canadá (780 toneladas / US\$ 1,562 milhões / US\$ 2,00/kg).

AVICULTURA

* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

Exportação brasileira de carne de frango retrai 12,9% em faturamento e 0,05% em volume

Segundo o Agrostat Brasil, no Brasil, de janeiro a agosto de 2020, as exportações de carne de frango reduziram-se 12,8% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 4,077 bilhões, em relação ao valor acumulado de 2019 (US\$ 4,678 bilhões).

Já em termos de quantidade exportada o que se viu também foi um recuo, mas menor, de apenas 0,05% (2019: 2.772.448 toneladas e 2020: 2.770.979 toneladas). No período analisado, o País exportou 98% de carne de frango na forma "in natura" (inteiros e cortes: 2.713.014 toneladas) e apenas 2% na forma de industrializados (57.965 toneladas).

Boletim Semanal* – 22/2020 – 02 de outubro de 2020

De janeiro a agosto do ano corrente, observou-se uma retração de 1,7% no volume de carne de frango “in natura”: 2020 (2.713.014 toneladas) e 2019 (2.706.224 toneladas).

Em faturamento a queda foi de 12,6% (2020: US\$ 3,918 bilhões e 2019: US\$ 4,482 bilhões). O menor faturamento foi resultado do recuo de 12,8% no preço médio da carne de frango “in natura” exportada (2019: US\$ 1.656,15/tonelada e 2020: US\$ 1.444,203/tonelada), situação corriqueira atualmente.

Os principais destinos da carne de frango brasileira foram (volume e faturamento): 1º - China (461.379 toneladas e US\$ 887,476 milhões), 2º - Arábia Saudita (291.709 toneladas e US\$ 426,137 milhões), 3º - Japão (277.621 toneladas e US\$ 465,427 milhões), 4º - Emirados Árabes Unidos (198.988 toneladas e US\$ 284,703 milhões), 5º - África do Sul (164.647 toneladas e US\$ 72,510 milhões), 6º - Hong Kong (106.774 toneladas e US\$ 169,007 milhões), 7º - Cingapura (89.774 toneladas e US\$ 141,873 milhões), 8º - Coreia do Sul (85.737 toneladas e US\$ 135,684 milhões), 9º - Países Baixos (82.275 toneladas e US\$ 164,941 milhões), e 10º - Kuwait (80.272 toneladas e US\$ 109,717 milhões).

No Paraná, no período analisado, observou-se crescimento em volume (2,5%), mas recuo de 10,9%, em faturamento. Os números foram (janeiro a agosto): 2019 (volume: 1.085.252 toneladas / faturamento: US\$ 1,786 bilhão) e 2020 (volume: 1.112.377 toneladas / faturamento: US\$ 1,605 bilhão). Também para o produto paranaense houve redução de 12,3% no preço médio da carne de frango “in natura” exportada (2019: US\$ 1.645,28/tonelada e 2020: US\$ 1.443,21/tonelada).

O Paraná (1º produtor e 1º exportador) prossegue destacando-se no contexto nacional, com participação de 40,1% do volume exportado pelo Brasil e com 39,4% da receita cambial (US\$), tendo como outros principais produtores e exportadores os estados de Santa Catarina (23,7%: volume e 24,4%: faturamento) e Rio Grande do Sul (16,3% do volume e 15,1%: faturamento).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

<https://instagram.com/deralseabpr>

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!